

## **GALIMBERTI: DA GUERRILHA ARMADA AO NEOLIBERALISMO**

Galimberti:  
from armed guerrilla to neoliberalism

Galimberti:  
de la guerrilla armada al neoliberalismo

Larraquy, M. & Caballero, R. (2020). *Galimberti: de Perón a Susana, de Montoneros a la CIA*. Sudamericana.

O cenário político atual da Argentina nos traz muitas preocupações. Em um evento<sup>1</sup> semanas antes das eleições que marcaram a vitória do ultra-direitista Javier Milei, um dos presentes, Martin Rimbretaud, falou: ‘é como se o conferencista brasileiro viesse do futuro e ele está nos dizendo como serão nossos próximos 4 anos’. Contudo, com o ritmo de ataque do governo Milei à Universidade, à agência de fomento à pesquisa, à todo sistema público, articulado a uma dura e violenta repressão de Estado, talvez seja o inverso: a Argentina pode ser o futuro cenário político do Brasil. Essa violenta repressão de Estado é capitaneada por uma ex-militante de esquerda, Patricia Bullrich. A atual ministra de segurança da Argentina não apenas era de esquerda, como também foi uma ex-guerrilheira *montonera*, ou seja, pegou em armas na luta pela revolução. Pertencia ao grupo político de Rodolfo Galimberti, além de ser sua cunhada. Quais processos estão atravessados nessa conversão política?

Podemos discutir esse processo de conversão a partir da trajetória de seu ex-dirigente. O livro *Galimberti: de Perón a Susana, de Montoneros a la CIA*, escrito pelos jornalistas Marcelo Larraquy e Roberto Caballero, teve sua republicação em nova editora, Sudamericana, do grupo Penguin Random House, em 2020 em Buenos Aires/Argentina. Essa nova versão foi atualizada e aumentada, sendo adicionado, por exemplo, o episódio de sua morte. Por isso recebeu o registro de 1ª edição, mesmo que tenha sido publicado pela primeira vez vinte anos antes, em 2000.

Esta obra faz parte da literatura sobre a resistência às ditaduras latino-americanas, retratando o histórico de um ex-guerrilheiro argentino que combateu a violência de Estado. No Brasil tivemos a

---

<sup>1</sup> Evento *Psicopolítica y Conyuntura actual*, que contou com as falas dos argentinos Emiliano Exposto, filósofo e escritor militante, Martin Rimbretaud, antipsiquiatra *ballardiano* e a nossa, representando o Brasil, no dia 11 de setembro de 2023 em Buenos Aires/Argentina.

### **DOMENICO UHNG HUR**

<https://orcid.org/0000-0002-6766-7024>

Doutor em Psicologia Social pela USP, com pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Professor da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

E-mail: [dutchwild@yahoo.com.br](mailto:dutchwild@yahoo.com.br)

DOI: 10.5935/2175-1390.v25e25334



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

publicação de muitas biografias e autobiografias sobre a trajetória de ex-guerrilheiros, nas quais nomes como Carlos Marighella e Carlos Lamarca são muito conhecidos, principalmente pelo fato de posteriormente serem retratados em filmes de grande circulação. No entanto, a situação de outras organizações guerrilheiras latino-americanas não é muito propagada no Brasil, com exceção das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) que costumeiramente eram retratadas como terroristas pelos grandes meios de comunicação. Assim, pouco conhecemos o cenário das lutas insurgentes dos movimentos sociais armados de países da América Latina, como tampouco o histórico das grandes organizações de guerrilha da Argentina, como os Montoneros e o Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP).

*Galimberti* é um livro importante e atual para qualquer estudioso/a em Psicologia Política da América Latina, pois trata da trajetória política do ex-secretário da Juventude Peronista, ex-guerrilheiro *montonero*, ex-combatente da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) e depois, empresário bem relacionado com os militares protagonistas da ditadura argentina e corporações multinacionais. Não fica, então, restrito na discussão sobre seu histórico de militância nos anos de chumbo, mas também aporta questões para a atualidade, de como um ex-guerrilheiro de uma organização clandestina de esquerda durante o período da ditadura posteriormente se “reinventou” e se inseriu no contexto do capitalismo mundial integrado (Deleuze & Guattari, 1976), ou seja do neoliberalismo<sup>2</sup>.

Nesse sentido, como se pode pensar a coexistência de dois perfis praticamente inconciliáveis em uma só pessoa? Do jovem peronista guerrilheiro, com um forte discurso nacionalista, antioligárquico e antiimperialista (anti-EUA), para um empresário adulto, bem sucedido financeiramente, que defende as políticas-econômicas dos Estados Unidos? Como houve a transição de uma prática clandestina guerrilheira, em que se podia morrer em qualquer ação armada *montonera*, para conviver com as elites financeiras e militares do país? Como foi a transição do sonho e amor revolucionário para a ganância neoliberal? Esta longa obra, de quase setecentas páginas, trata das narrativas de uma trajetória que aparentemente pode ser sintetizada como um processo de conversão de ideologia política, mas talvez não só isso. Lança luz a um tipo de funcionamento psicopolítico, no qual talvez o componente ideológico tenha menor prevalência para as escolhas do ator político, do que outras variáveis. E quem sabe, isso possa dar visibilidade, ou constituir hipóteses para nossa disciplina de conhecimento sobre o porquê de militantes de extrema-esquerda se converterem à extrema-direita e vice-versa.

Temos inúmeros casos de conversão política, no que se refere aos ex-guerrilheiros brasileiros, como do ex-senador tucano Aloysio Nunes Ferreira, que na época da ditadura brasileira foi militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), sendo motorista do grande líder revolucionário Carlos Marighella, e que depois abraçou o processo de privatização e neoliberalismo do PSDB, ou mesmo de outros que assumiram a direita política, inclusive até compondo o governo de Paulo Maluf em São Paulo (Mir, 1994). Também deve ser citado o caso chileno, em que vários ex-militantes do MIR (*Movimiento de la Izquierda Revolucionaria/Chile*) assumiram cargos em governos de direita do país andino, sendo conhecidos como “convertidos”.

Neste livro biográfico, Larraquy e Caballero (2020) realizaram esmerada análise documental, bibliográfica e entrevistaram cerca de noventa e seis pessoas que o conheceram em distintos momentos de sua vida, incluindo o próprio Rodolfo Galimberti, sem contar os informantes que preferiram ter sua identidade anônima. Entretanto não se sabe por que da lista de vinte e oito nomes que Galimberti sugeriu aos autores, apenas dois foram entrevistados. Vale ressaltar que muitos dos entrevistados se encontraram com os autores do livro em mais de uma sessão, como o próprio Galimberti. O ex-guerrilheiro assumia uma postura ambígua com os entrevistadores, às vezes um pouco arisco, insultuoso e outras vezes mais amistoso.

O livro tem duas partes principais, com um prólogo e dois epílogos. No prólogo os dois autores contam detalhadamente como foi o processo de encontro e entrevistas com o próprio Galimberti. Ilustram um personagem paranoico, dotado de um certo cinismo político e também bastante desiludido com a

---

2 Destacamos que anteriormente trabalhamos este fenômeno de transição ao analisar a trajetória de ex-guerrilheiros brasileiros (Hur, 2009).

revolução. Um ator político que sempre gerava um certo receio, não só por andar sempre armado, mas também por sua própria imprevisibilidade. O título do prólogo é *Viendo a Drácula*.

A Parte I. *Tragedia* traz as narrativas sobre o processo de politização e ativismo de Galimberti. Realiza um resumo de sua vida familiar, com um pai peronista que transmitiu estes valores a seus filhos. O golpe contra Juan Perón em 1955 marcou a família, trazendo um grande sentimento de injustiça social ao pequeno Rodolfo, na época com 7 anos. Devido ao ambiente familiar com muitos debates políticos sobre o país, Galimberti buscou ingressar rapidamente no ativismo político. Com 14 anos entrou no *Movimiento Nacional Tacuara* (MNT), organização de extrema-direita, fascista, similar ao integralismo no Brasil, e já participou de ações extremistas como lançar coquetéis molotov e de brigas nas ruas. Nesse mesmo ano, num conflito entre grupos, esfaqueou um militante da *Federación Juvenil Comunista* (FEC) e ficou detido por três meses numa instituição de reinserção social a adolescentes que cometeram infrações.

Durante sua militância no *Tacuara*, buscava participar de qualquer espaço político que defendesse o retorno de Perón à Argentina. Com dezenove anos de idade criou uma organização intitulada JAEN (*Juventudes Argentinas para la Emancipación Nacional*), com um caráter mais nacionalista e peronista do que seu agrupamento anterior. Com a intensificação de sua militância teve contato direto com Perón em seu exílio na Espanha e foi nomeado pelo ex-presidente como secretário da juventude peronista. Com o crescimento de sua visibilidade no mundo político e o acirramento dos conflitos, adquiriu uma retórica de esquerda, além do discurso peronista, integrando-se posteriormente à organização de guerrilha armada *Montoneros*: foi um dos comandantes da Coluna Norte, que realizava ações ao norte da grande Buenos Aires, na região de municípios como San Isidro. No livro são narrados com detalhes os casos em que esteve envolvido, como o sequestro dos irmãos Born, em que os *Montoneros* conseguiram a enorme soma de cerca de 64 milhões de dólares como resgate<sup>3</sup>. Após um período conturbado nos *Montoneros*, em que Galimberti criticou abertamente a tática da contraofensiva *montonera* contra a ditadura militar, o ex-guerrilheiro abandonou o país, sendo inclusive condenado à morte pela condução nacional dos *Montoneros*. Viveu em diversos países como França, Brasil, México. Com saudades do contexto de guerra, passou a combater ao lado da OLP no Líbano e em outros países árabes.

Na Parte II. *Comedia*, é descrito seu retorno à Argentina, após o fim da ditadura militar. Mostra um Galimberti mais preocupado com projetos pessoais, mas que ainda mantém uma militância e um grupo de ativistas em torno de si, editando o jornal peronista *Jotapé*, que tinha em média uma venda de 8.000 exemplares por edição, e inclusive assinou documentos coletivos com outros *ex-montoneros*, como o próprio Mario Firmenich, o comandante mais conhecido dessa organização. Ao mesmo tempo em que Galimberti parecia estar retornando a uma militância política, empreendeu um contato maior com grupos empresariais norte-americanos e de outros países, por exemplo constituindo uma inusitada e estreita amizade e negócios com Jorge Born, a mesma pessoa que sequestrou pelo período de 9 meses nos tempos de ativismo *montonero* anos atrás, na década de 1970. Também se aproximou e começou a trabalhar com antigos inimigos, oficiais militares do período da ditadura militar, como Jorge Rádice, um dos coordenadores da tortura e assassinato de cerca de 5.000 mortos e desaparecidos no centro de detenção da ESMA<sup>4</sup> (Escuela de Mecánica de la Armada). Neste encontro, o antigo torturador, Rádice, falou: “*Yo quería decirte que maté a mucha gente, a muchos compañeros tuyos... la ESMA era un infierno. A veces siento que estoy muerto... Muerto en vida*” (Larraquy & Caballero, 2020, p. 402). Galimberti, para conseguir firmar parcerias, respondeu de modo a confortar o terrível agente de violência do Estado: “*No sufras tanto. Si hubiésemos tomado el poder, nosotros hubiéramos hecho lo mismo con ustedes*” (Larraquy & Caballero, 2020, p. 402). O ex-guerrilheiro aproximou-se também do serviço de inteligência

3 Apenas como grau comparativo, a ação de expropriação que gerou mais dinheiro à guerrilha brasileira foi o assalto ao cofre do ex-governador Adhemar de Barros, que rendeu cerca de 2,5 milhões de dólares à VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária/Palmares) (Gorender, 1998).

4 Hoje a ESMA é um monumento à memória, inclusive com um museu aberto à visitação, para que tal violência não mais se repita, *Nunca más*.

do governo argentino, constituindo assim uma quase inacreditável conciliação entre o antigo papel de perseguido político com os antigos perpetradores da violência de Estado durante o período da ditadura militar argentina.

Com esta trajetória de negociação e aproximação com as elites econômicas, militares e políticas, Galimberti foi contratado por diversas empresas, entrou no ramo de venda internacional de armas e tornou-se empresário de grandes estrelas, como a apresentadora argentina Susana Giménez, uma artista muito famosa e reconhecida no país. Posteriormente tal parceria gerou uma investigação sobre um suposto desvio de verbas. Também estabeleceu estreito contato com corporações empresariais norte-americanas e inclusive compôs uma empresa com agentes aposentados da CIA (Central Intelligence Agency). Nesse novo lugar que ocupou, diferentemente do período da ditadura dos anos 70, Galimberti não se auto-recriminou, mas sim criticou os antigos comandantes *montoneros*, que em suas ocupações atuais supostamente não fazem jus às lutas do passado. Essa segunda parte do livro finaliza com a morte do ex-guerrilheiro, devido a problemas decorrentes de seu sobrepeso.

No final do livro há dois epílogos. O primeiro escrito pelos autores do livro, relatando o processo de finalização da obra. É interessante, pois dizem que muitos entrevistados, após um tempo de dúvidas, seja de um mês, ou de um ano, passaram a dar seus relatos, visto que os dias de segredo haviam terminado. E Larraquy e Caballero passaram por todo esse processo com apreensão pelas próprias vidas, visto que o próprio Galimberti já os tinha ameaçado de morte no início de suas conversas.

O segundo epílogo é de autoria de Galimberti. Não fica claro se é um trecho, ou uma síntese, de um material escrito de sessenta páginas que o ex-guerrilheiro entregou aos autores, que na ocasião lhe responderam que esse material não serviria ao livro (Larraquy & Caballero, 2020). Consideramos que o texto traz uma importante construção da memória passada a partir das lentes do presente (Hur, 2013; Vázquez, 1997) que traz sua justificativa sobre alguns pontos de sua trajetória com densidade afetiva. Evidentemente, com a guerra de memórias, traz relatos distintos do que os próprios autores do livro colocam, por exemplo expressando menor relacionamento com os ex-militares da ESMA, em comparação ao que está descrito no livro. Ressaltamos que nesse conflito de memórias também há diferentes interpretações dos fatos em relação a outros livros sobre a temática, como por exemplo o *Montoneros: final de cuentas* (Gasparini, 2008). O livro finaliza seu epílogo com uma impactante ode à guerra, ao combate e à morte, que não se expressa apenas pela destruição e carbonização de corpos, mas também na comunhão entre os diferentes combatentes, um com o outro, a partir do conflito.

Além de ser uma importante contribuição histórica sobre um momento político convulsivo e um personagem quase inverossímil, o livro apresenta uma narrativa que gera uma leitura fluida tanto ao acadêmico, como ao público leigo, mas nesta obra não se encontra uma resposta definitiva sobre sua “conversão política”. Larraquy e Caballero deixam a entender que nosso protagonista sempre foi, de certa forma, oportunista, vaidoso, possivelmente reduzindo a complexidade do personagem a uma unidimensionalidade, ou julgando-o desde o início como alguém de má fé, de certo modo psicologizando-o. É possível pensar o tema saindo da perspectiva do juízo ou da moral, e apreendê-lo como um personagem com múltiplas faces, contraditório, fragmentado, não só ao longo de sua história, mas também no final de sua vida, e que é resultado dos agenciamentos de forças em jogo, principalmente das forças econômicas. Contudo, sempre mantém uma postura ambígua, paradoxal, ao mesmo tempo em que defende a aliança econômica da Argentina com os EUA, e a dolarização da economia, faz dura crítica à burguesia neoliberal argentina que “odeia os humildes” (Larraquy & Caballero, 2020, p. 29).

Seus posicionamentos podem mudar de acordo com o contexto discutido e não apresentam uma consistência e coerência interna, fenômeno que também ocorre em muitos políticos profissionais. Nesse sentido, podemos também levantar a polêmica hipótese da figura do (ex)guerrilheiro como uma espécie de “ator proto-neoliberal”. Contraditoriamente, sua insurgência contra o Estado, a favor de sua destruição, não estaria necessariamente implicada com a constituição da comuna tal como o projeto marxista-leninista preconizava (Engels, 1989; Lenin, 1983), mas um outro caminho, outro vetor de forças. A transgressão guerrilheira, diferente da lógica dos partidos políticos de esquerda, poderia estar relacionada à consti-

tuição de um novo diagrama de forças que escapasse do aparelho de captura da soberania (Deleuze & Guattari, 1997; Hur, 2018) para uma dinamicidade, flexibilidade e aceleração das relações, que remonta a própria lógica neoliberal. Uma ação instituinte e de “inovação” que marcou a transição de um capitalismo incipiente estatal ao Estado neoliberal. Possivelmente devido a esse caráter instituinte e de um quase empreendedorismo, é que Galimberti conseguiu se adaptar tão bem na lógica guerrilheira, como na neoliberal. Possivelmente fenômeno semelhante possa ter se passado com a atual ministra de segurança, Patricia Bullrich, que quase foi eleita presidente da Argentina. Também com passado na militância na juventude peronista, na guerrilha *montonera*, após seu exílio no exterior e retorno à Argentina, foi se aproximando da direita política, compondo tal como Galimberti, o grupo político do ex-presidente liberal Mauricio Macri. A atual Ministra de Segurança do ultra-direitista Javier Milei demonstra assim flexibilidade política semelhante a seu cunhado<sup>5</sup>.

Finalizamos com a crítica de Galimberti aos ex-comandantes *montoneros*, que sintetiza essa insólita hipótese, que mostra esse deslocamento de uma revolução coletiva nacional para uma revolução pessoal-individual:

*Además, yo quiero homenajear a la gente de mi generación. Esta gente estaba para grandes cosas. Cuando veo a Vaca Narvaja vestido de gomero, a Perdía mendigando un puestito público, y a Firmenich autoexiliado en democracia, me dan asco. Ellos le faltan el respeto a los muertos. Yo me puse en la cabeza que mi mejor homenaje es tener éxito, demostrar que en esa época quisimos hacer la revolución y que hoy podemos ser empresarios o multimilionarios. (Larraquy & Caballero, 2020, p. 23)*

---

5 Tal fato nos faz conjecturar que se Galimberti não tivesse sofrido uma morte precoce, ele é quem seria o candidato à presidência da Argentina, representando o grupo político do ex-presidente Mauricio Macri, e não sua ex-cunhada.

## REFERÊNCIAS

- Deleuze, G. & Guattari, F.** (1976). *O Anti-Édipo*. Imago.
- Deleuze, G. & Guattari, F.** (1997). *Mil Platôs* (vol. 5.). Editora 34.
- Engels, F.** (1989). Barbárie e civilização. In F. Fernandes (Org.), *K. Marx, F. Engels* (pp. 177-201). Ática.
- Gasparini, J.** (2008). *Montoneros: final de cuentas*. De la Campana.
- Gorender, J.** (1998). *Combate nas trevas*. Ática.
- Hur, D. U.** (2009). *Discursos do trânsito da Guerrilha ao Estado Neoliberal: Estratopolítica, Tecnopolítica e Nomadopolítica* [Tese de Doutorado em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP].
- Hur, D. U.** (2013). Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. *Athenea Digital*, 13(2), 179-190.
- Hur, D. U.** (2018). *Psicologia, política e esquizoanálise*. Alínea.
- Larraquy, M. & Caballero, R.** (2020). *Galimberti: de Perón a Susana, de Montoneros a la CIA*. Sudamericana.
- Lenin, V. I.** (1983). *O Estado e a Revolução*. Hucitec.
- Mir, L.** (1994). *A Revolução Impossível: a esquerda e a luta armada no Brasil*. Best Seller.
- Vázquez, F.** (2001). *La memoria como acción social. Relaciones, significados e imaginario*. Paidós.

**Histórico**      *Submissão: 24/04/2024*  
*Revisão: 26/04/2024*  
*Aceite: 22/05/2024*

**Editor científico**      *Dr. Antonio Euzébios Filho*

**Financiamento**      *CNPq, Bolsa de produtividade em pesquisa, Processo 311097/2023-5*